

Pátria não é a "minha" aldeia ③

Tempo, Maputo, no.681, 30 de Outubro de 1983, pág.28-29

• Lição de camponeses do distrito de Mabote

Ezequiel Mabote, Albino Cossa, Marta Milane Xavier Xilhange são camponeses da Aldeia Comunal «Eduardo Mondlane», em Mabote, Província de Inhambane, que muito se têm distinguido na luta contra os bandidos armados. Estes camponeses foram autores de actos de verdadeiro heroísmo e dedicação à Pátria, sobejamente comprovados no assalto às bases dos bandidos armados em Mambyili e Tome.

Pela sua abnegada entrega à luta contra os bandidos armados, os quatro camponeses foram agraciados com visitas às cidades de Maputo e Beira, por decisão do Ministério da Defesa Nacional. Como eles próprios o afirmaram, esta foi uma oportunidade de respirar um ar diferente.

Ezequiel Mabote, o mais velho e chefe do grupo, foi o primeiro que abordámos. Ele fala-nos da situação em Mabote, onde os bandidos já não ousam pôr o pé, e conta-nos as actividades que tem desenvolvido na defesa da Pátria. «Na nossa aldeia, podemos dizer seguramente, que estamos tranquilos. Graças a uma boa ligação entre o exército e o povo, conseguimos varrer os bandidos armados. A seca e a fome, sim, são os inimigos que estamos, actualmente, a enfrentar.»

Com efeito, Mabote é uma zona onde já se não sentem as acções dos bandidos armados e se estes camponeses se distinguiram foi porque a sua luta desenvolveu-se para além da fronteira da sua localidade ou do seu distrito. Foi porque compreenderam que os bandidos armados, estejam onde estiverem, constituem uma ameaça ao país e não apenas a uma região.

Como referem os relatos do assalto às bases dos bandos armados em Mambyili e Tome, as nossas forças não utilizaram car-

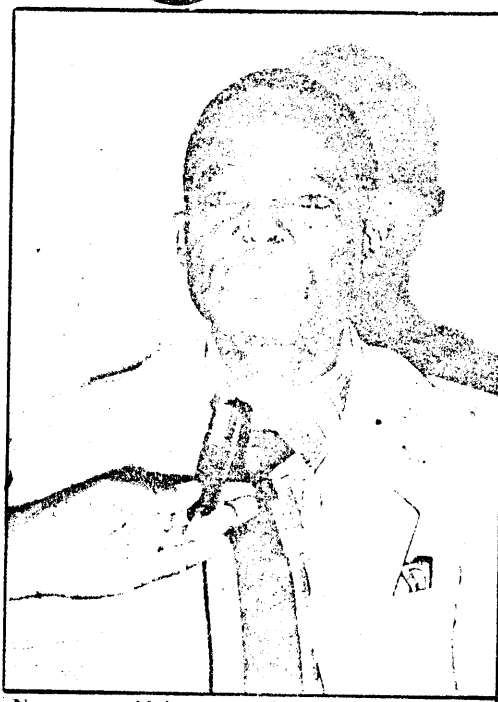
ros de assalto, para não alertar o inimigo. Foi, pois, graças à ligação com o povo que as armas e as munições foram levadas ao local dos combates.

COMO NO TEMPO DA LUTA ARMADA...

Ezequiel Mabote, na sua qualidade de dirigente da Aldeia Comunal «Eduardo Mondlane», chamou para si a tarefa de mobilizar e enquadrar as populações da aldeia para o percurso que levaria à destruição do maior acampamento dos bandidos em Inham-



Marta Milane, camponesa com rica experiência na luta contra os bandos armados



«Na nossa aldeia comunal a vida corre normalmente» Ezequiel Mabote, um dos camponeses distinguido

bane. Mobilizar as populações para longas marchas, com material às costas, garantindo, ao mesmo tempo, uma retaguarda segura, não é coisa fácil de se realizar.

O próprio Ezequiel Mabote dá o exemplo, caminhando à frente dos seus aldeões com carga aos ombros. Da Aldeia Comunal «Eduardo Mondlane» até Tome são, aproximadamente, cento e cinquenta quilómetros, o que implica, portanto, uma marcha de, pelo menos, quatro dias. Garantir condições em alimentos aos aldeões na marcha durante quatro dias e saber organizá-los devidamente enquanto os combates decorriam, foi trabalho em que Ezequiel Mabote se saiu bastante bem.

A tarefa fundamental das populações, durante os momentos cruciais, foi garantir, através de um comando montado nas proximidades do acampamento inimigo, a entrega regular de armas e muni-

ções aos soldados em combate. Aliás, alguns bandidos armados em fuga foram abatidos pelas populações que guarneciam o referido comando.

Da conversa que mantivemos com os quatro camponeses, ficámos, sobretudo, com a clara ideia de que as populações odeiam os bandidos armados, que se não poupam a grandes sacrifícios na defesa da Pátria e são de uma perseverança fora do vulgar.

...O APOIO POPULAR...

Exemplos disso são dados por camponeses que abatem bandidos armados apenas com azagaias. Claro que são azagaias altamente envenenadas com farinha de uma certa trepadeira chamada «wutsulu». «Ao mínimo ferimento, o bandido fica azul e já não é deste mundo», afirmavam-nos aqueles camponeses com ar de satisfação.

Outro aspecto particular é que as populações, quando olham para um bandido armado que quer assaltar uma casa, sabem distinguir se tem munições ou não. Quando as tem, com uma sorradeira machadada resolvem o problema. No caso contrário é só prendê-lo e entregá-los às autoridades.

É impressionante ouvir a naturalidade com que aqueles camponeses dizem não ter medo da arma quando está nas mãos de um bandido armado. Segundo eles, os bandidos armados quando estão em número de dois são tão assus-

tadiços que mal sabem para onde estão a disparar «tão mau é o treino que eles recebem» — acrescenta um dos camponeses.

Verdadeira caça ao bandido terá sido o que, em meados do ano passado — segundo contaram os quatro entrevistados —, começou a ser feito no distrito de Mabote, quando os bandidos armados começaram a dar sinal de si queimando aldeias comunais e saqueando as populações. Aí, quase toda a população jovem, e mesmo velha, do Distrito de Mabote recebeu treino e em casa, na machamba, na rua ou à busca da água, onde quer que fosse, as populações davam luta ao bandido armado.

...É ARMA DECISIVA

Graças a este engajamento das populações do Distrito de Mabote, aqui vive-se um clima de paz — daí os esforços de alargar esse clima de paz a outras áreas ainda afectadas. É o clima de paz e o nível de organização de uma aldeia comunal como a «Eduardo Mondlane» que permitem alargar e consolidar as vitórias contra os bandidos armados.

Ainda em relação aos quatro camponeses que se distinguiram na luta contra os bandos armados, um exemplo edificante de coragem e dedicação é-nos dado por Marta Milane. Esta camponesa matou um bandido armado à paulada. Este acto de coragem deu-se quando dos combates pela

tomada do acampamento dos bandidos em Mambyili.

O insólito de matar um bandido armado à paulada só reflecte o ódio que as populações sentem quando vêem estes saqueadores dos seus bens. Foi, pois, num desses momentos de redobrada fúria em pleno combate, que aparece um bandido à frente de Marta Milane. Não perdeu pela demora e deu fim aos dias de mais um que terá, com certeza, feito muitas e piores pelas povoações.

Marta Milane é, por outro lado, um exemplo invulgar na dedicação à defesa da Pátria. Recebeu treino de miliciania em 1976 e então para cá, não tem feito outra coisa senão defender a Pátria. Depois dos terríveis anos dos bombardeamentos de Ian Smith, Marta Milane fez, em 1980, várias viagens, a pé, para a Província de Manica, transportando material de guerra. Participou no assalto à base dos bandidos armados em Machaze distrito de Mocimboa do Vale, para além de outras acções na Província de Manica.

Em Mambyili e em Tome, Marta Milane, esta corajosa mulher não fez mais do que confirmar o que nela se tornou tradição ao longo dos últimos sete anos. O exemplo dela vai mais longe do que isso, quando se toma em conta que é casada e mãe de dois filhos, um com quinze e outro com dez anos. Nem deu para lhe perguntarmos a idade dela, porque é mesmo jovem.

Para os quatro camponeses, a viagem para Maputo e Beira é apenas uma pausa, porque segundo eles próprios o dizem, quando «voltarmos ao nosso distrito, continuaremos a lutar contra os bandidos, desta vez para caçá-los, uma vez que estão tão dispersos, que andam dois a dois, muitos deles até sem munições». É de acreditar no que dizem estes corajosos camponeses e desejar que o exemplo se alastre para outras zonas.



Os quatro camponeses quando concediam uma entrevista aos órgãos de informação

FILIPE RIBAS